

## ***AUTO DA BARCA DO INFERNO, DE GIL VICENTE, EM SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA***

Tatianne Gabrielly Oliveira Quintans <sup>1</sup>  
Bruno Alves Pereira <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é um relato de experiência de leitura do texto dramático *Auto da Barca do Inferno*, do escritor Gil Vicente, em sala de aula desenvolvido pelos integrantes do programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI, em uma turma do 1º ano de uma escola estadual do Cariri paraibano.

O conteúdo que fomos incumbidos a trabalhar é o Classicismo que veio do *Guia de aprendizagem* da escola, esse material, elaborado pelos professores de cada disciplina, contém os conteúdos que serão trabalhados no decorrer do bimestre. Dessa maneira, para planejar a sequência didática nós residentes, com a mediação do nosso preceptor e do nosso coordenador, nos reunimos para refletirmos o que iríamos ministrar, decidimos, então, trabalhar com o texto dramático de Gil Vicente que além de interativo, dá margem para ser abordado e refletido sobre inúmeros assuntos referentes à ética, à filosofia de vida etc

O texto dramático foi adaptado numa linguagem mais atualizada, mas sem perder a essência. Nosso intuito, com isso, foi de que os discentes tivessem mais empatia com o texto e, conseqüentemente a leitura fluísse mais. A proposta foi realizada em cinco aulas, no período de 27 de março a 02 de abril de 2019, foi dividida basicamente em dois blocos.

Inicialmente, pensávamos, não só, em como os alunos iriam reagir a proposta, mas também em como eles iriam nos receber, visto que, até então só havíamos observados as aulas do nosso preceptor, dessa forma, esse seria nosso primeiro contato na qualidade de mediadores.

### **METODOLOGIA**

Para a realização da proposta de como iríamos trabalhar, todos os residentes, oito ao todo, se reuniram para elaboramos o planejamento das aulas. É importante acrescentar que são dois residentes para cada turma. Nesse sentido, em nossa sala de aula, num conjunto de cinco aulas, eu ministrei as três primeiras aulas e a minha dupla ministrou as duas últimas. Para nos embasar metodologicamente, contamos com a contribuição das ideias sobre prática de leitura de estudiosos, como: Cosson (2006) que nos fala, em seu modelo de letramento literário, sobre o poder da motivação antes da leitura. Contamos também com Kelafás (2012) que defende, assim como Cosson e outros estudiosos, a importância do contato “corpo a corpo” com o texto e do poder de transformação que a leitura traz. Para o procedimento de escrita tomamos como base os apontamentos dos PCN (BRASIL, 1998) e de Ferrarezi & Carvalho (2017), que vê na prática da leitura um caminho de influência para ascender no leitor o gosto de criar seus próprios textos.

---

<sup>1</sup>Licencianda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [tatianneliveira967@gmail.com](mailto:tatianneliveira967@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador. Mestre em linguagem e ensino. Universidade Estadual da Paraíba - PB, [brunoapcg@bol.com.br](mailto:brunoapcg@bol.com.br)

## COM GIL VICENTE EM SALA DE AULA

### 1ª e 2ª aulas – 27 de março de 2019 – Dando asas à imaginação e embarcando numa leitura

O primeiro contato com a turma foi voltado para nos apresentarmos (residentes e alunos) como também para comentarmos sobre a oportunidade de estarmos juntos com os discentes pelo intermédio do Programa Residência Pedagógica e falamos da importância do programa e como funcionaria.

Depois que cada um dos alunos se apresentou. Perguntei se eles gostavam de ler e a sala fica dividida nas opiniões. Então, perguntei o que eles achavam de ler textos não-verbal, uma leitura composta por imagens. Alguns alunos responderam positivamente à pergunta. Então, informei que tínhamos algumas capas do livro *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, para que eles pudessem expressar a partir da leitura individual o que um livro com esse título e com tais capas poderia trazer que história. Os alunos foram verbalizando suas hipóteses.

Em seguida, perguntei quem gostaria de desenhar o que tinham falado para que construíssemos um varal de ilustrações. Para nossa sorte, a turma gostava muito de fazer desenhos. Distribuímos as folhas de ofício e anotei na lousa o enunciado da questão. Esse momento foi interrompido algumas vezes, porque os alunos estavam com dúvida de como era para fazer o desenho. Informei que não havia um modelo e que eles deixassem a imaginação fluir. Depois que todos entenderam, foram realizando a atividade em um momento bem lúdico. E após terminaram as ilustrações, abri um espaço para a socialização para que os alunos apresentaram os seus desenhos. Muitos se surpreenderam com as ilustrações dos colegas principalmente pela criatividade.

Terminado o momento da socialização, saímos para o pátio da escola onde há algumas plantas e árvores, para estender o barbante e colar as ilustrações no varal. O momento se mostrou alegre, tiramos fotos de todos unidos embaixo do varal.

Retornamos à sala de aula para iniciarmos a leitura da peça. Antes, dividimos os personagens e expliquei que cada travessão representava a fala de um personagem. A leitura foi muito interativa, principalmente por se tratar de um texto dramático composto por diálogos. Havia momentos que eu precisava dar uma breve explicação do que estava acontecendo ou o que significava tal nome de personagem (Fidalgo, Onzeneiro, Parvo, Frade, Judeu, Corregedor, Procurador), mas, no geral, os alunos demonstravam interesse. Nesses momentos de “explicação”, aproveitei para instigar a reflexão sobre os comportamentos dos personagens, analisando, por exemplo, as questões morais estabelecidas no texto, de modo que os alunos foram percebendo que essas ideias morais estavam ligadas à religiosidade.

Como a aula estava próximo do término, o restante da leitura ficou para a aula seguinte. Contudo, antes de terminar, perguntei se eles estavam gostado da leitura e se até aquele momento o que eles imaginaram, antes da leitura, estava em consonância com o que estavam lendo. As opiniões ficaram divididas. Consideramos isso positivo, pois os alunos iam comentando o que estavam imaginando antes da leitura.

Concluimos que esta aula atingiu aos objetivos, principalmente, pelos alunos terem demonstrado gostar dos momentos das aulas, e, sobretudo por esse ter sido o nosso primeiro contato efetivo com eles. Acreditamos que a ideia da motivação (COSSON, 2006) para que eles ilustrassem o que acreditavam tratar a peça que iriam ler, a partir do que tinham visto (capas e título do texto) os instigou a gostarem do texto antes mesmo de lê-lo.

### 3ª aula – 28 de março de 2019 – Navegando na leitura e na produção escrita

Nessa terceira aula, os discentes estavam animados para que iniciássemos a continuação da peça *Auto da Barca do Inferno*. Demos início a leitura, mas antes que ela começasse a fluir, quatro alunos que não estavam na aula anterior perguntaram se tinha personagens para eles. Respondi que havia os cavaleiros, então, dividimos os personagens e demos continuidade à leitura.

A leitura seguiu de maneira leve e dinâmica. Alguns momentos eles riam com o que determinado personagem falava. Quando terminamos de ler, realizei algumas perguntas, tais como: *Gostaram do texto?*, *Já tinham lido texto semelhante?*, *Qual o personagem que mais gostaram e por qual motivo?*.

Para a primeira pergunta, grande maioria respondeu que gostaram do texto, já a segunda, poucos recordavam de terem lido algum texto parecido e a terceira pergunta, a maioria apontou que havia gostado do personagem chamado Parvo, principalmente por ele ser engraçado. Então, indaguei se eles gostariam que essa peça tivesse outro personagem e como seria esse personagem. Solicitei que não me respondessem oralmente, mas que escrevessem em seus cadernos um novo personagem que passasse pela mesma situação dos personagens oficiais da peça de Gil Vicente e que decidissem se os personagens criados iriam para o céu ou para o inferno.

Os alunos realizaram a atividade com sucesso. Alguns quiseram compartilhar lendo para os colegas o que haviam escrito. Depois que terminaram, dei o visto em seus cadernos.

A aula foi bastante proveitosa, principalmente, porque os alunos gostaram da peça de Gil Vicente. Esse resultado foi muito interessante, pois, apesar desse texto ter sido reescrito em uma linguagem mais simples e atual, o conteúdo que ele traz foi escrito há mais de quinhentos anos. Dessa forma, foi importante perceber que os alunos gostaram de um texto antigo, de certa maneira, mas que lê-lo fez sentido. Além disso, a ideia de os alunos acrescentarem a história um novo personagem lhes deram a sensação de coautoria com o texto oficial.

#### **4ª aula – 01 de Abril de 2019 – Das cenas da peça às cenas do filme**

A aula teve como objetivo uma breve discussão acerca do texto que foi lido nas aulas anteriores (*Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente), para isso foram feitos alguns questionamentos, tais como: *Qual a relação das capas que vocês viram com o livro que vocês leram? O livro supriu as expectativas de vocês? Quais as expectativas de vocês que o livro não conseguiu suprir? Por qual motivo?*

Diante de todos esses questionamentos os alunos foram respondendo e assim a discussão foi fluindo. Os discentes demonstraram muito interesse pela peça, principalmente, por se tratar de um julgamento que fez com que eles refletissem sobre a possibilidade de o mesmo acontecer na vida real.

Para darmos continuidade à aula. Trouxemos a parte do filme, *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna que aborda o momento julgamento. Como esse filme é bastante conhecido, a maioria dos alunos já havia assistido e já sabia do que se tratava aquela cena. Após esse momento, ficou muito nítido para os discentes as principais características do livro e do trecho do filme. Eles compreenderam e comentaram bastante sobre as semelhanças. Alguns comentários realizados: “o diabo no filme não tem a vontade obedecida, já no livro ele tem”, “Não se fala muito sobre Deus no livro, já, no filme, Deus aparece como o centro”, “A representação do mal no livro é diferente da representação do mal que há no filme”. A discussão deu continuidade até a aula terminar.

No fim da aula, enquanto os alunos trocavam de sala e eu organizava a classe para poder sair, pude perceber que os discentes continuavam a comentar sobre o filme e sobre o livro e de como a aula havia sido “diferente”, palavras de uma aluna.

### **5ª aula – 02 de Abril de 2019 – Içar a vela em busca de novos mares**

Nessa quinta aula, iniciei com a aplicação de uma atividade sobre o livro, que já fazia ligação com o novo assunto da nova sequência, qual seja variação linguística.

Resolvi fazer uma discussão oral e assim descobrir as respostas dos alunos para as seguintes perguntas: *Qual a primeira impressão que vocês tiveram em relação ao livro? E em relação ao filme?; Quais expressões e qual/quais o/os personagem/personagens que lhe chamaram mais atenção? Por quê?; Vocês notaram alguma semelhança entre os personagens do livro e do filme? Qual?; Há algo na sua forma de falar que se assemelhe com a fala de algum personagem?; Quais palavras proferidas por algum personagem do livro ou do filme que vocês destacariam? por quê?.*

Diante desses questionamentos, os alunos começaram a responder as perguntas, a fazer relações entre as duas obras. Esse momento foi muito interativo e interessante. Pois, houve convergência e divergência de pensamento, mas sobretudo o respeito para com o ponto de vista do outro.

Os alunos fizeram associações das falas dos personagens com parentes, falaram sobre colegas de turma que falavam de forma diferente das deles por terem vindo de um outro estado ou cidade. Os alunos começaram a dizer palavras e me perguntar qual o significado da palavra na minha cidade, isso porque, no meio da aula, eu havia falado que não era de Monteiro apesar de já residir aqui há quatro anos. Então eles me perguntavam como se falava algumas palavras na minha cidade. A aula passou muito rápido até o professor regente da turma que é o nosso supervisor no projeto acabou entrando na discussão e falando alguns dialetos que nós não conhecíamos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos nosso trabalho, percebemos que nas quatro aulas o foco voltou-se para a experiência da leitura do texto e a última aula estava abrindo caminho para o outro assunto – variação linguística – fazendo, assim, uma interligação entre os conteúdos. Ainda no processo de análise das aulas, percebemos que é possível falarmos sobre o Classicismo, sem a necessidade de ficarmos somente elencando suas características, mas que oportunizar aos alunos a perceber os temas, daquele movimento literário, através da leitura integral e interpretativa de um texto da época é mais significativo.

Assim, com este trabalho divulgamos a prática que foi realizada com a leitura e a recepção dos alunos, como também, os questionamentos, inicialmente, receosos de nós residentes acerca de como os alunos iriam responder a essa proposta, nesse último ponto, consideramos que os discentes responderam positivamente. Essa experiência foi de grande importância para nos avaliarmos como professores em formação e, sobretudo aprender a melhorar com as vivências da vida docente.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Experiência em sala de aula, Texto dramático.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais-** Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** Teoria e prática. São Paulo: Contexto. 2006.

KELAFÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário.** São Paulo: Autores Associados, 2012, p. 1-44.